

REVISTA MEGAZINE



Seis jovens contam por que abandonaram a escola no ensino médio.

MEGAZINE

megazine@oglobo.com.br

O GLOBO

terça-feira, 25 de novembro de 200



'Eu saí da escola'

Gravidez, falta de grana ou de interesse: seis jovens contam por que abandonaram os estudos



As histórias por trás da evasão escolar

Josy Fischberg - josy@oglobo.com.br

São várias as razões que levam os jovens a estar fora das salas de aula do ensino médio. Conheça algumas delas

É nesta última semana de aulas que os professores, especialmente os do ensino médio das escolas públicas, fecham a conta de quantos de seus alunos "desapareceram" ao longo do ano letivo. E, acredite, não foram poucos. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), metade das 3,6 milhões de pessoas que entram, anualmente, no ensino médio no país não conclui os estudos em três anos (ou abandonam ou repetem). Há cerca de um mês, o MEC anunciou que

estuda a proposta de tornar obrigatório o ensino dos 4 aos 17 anos (hoje a obrigatoriedade só vai dos 6 até os 14).

A Magazine foi atrás de alguns desses meninos e meninas que estão longe das salas de aula. Os motivos que os levaram a abandonar o ensino médio variam: gravidez, falta de grana, outros compromissos... Anna Luíza da Silva, de 19 anos, que estava na 1ª série do ensino médio e dei-

xou de estudar este ano, é bem direta: "a escola não me atraiu".

Anna faz parte de uma maioria. De acordo com uma pesquisa divulgada no ano passado pela Fundação Getúlio Vargas, 45,1% dos jovens de 15 a 17 anos que não estudam mais dizem que optaram por isso porque a escola não lhes interessa.

De fato, o ensino médio brasileiro, segundo educadores e

especialistas, sofre de uma séria "crise de identidade".

— Basicamente, nós só temos um modelo de ensino médio para o Brasil todo. Os

países europeus têm vários. Há os profissionalizantes, com equivalência para a universidade, com menos ou mais teoria e por aí vai — diz o economista Cláudio de Moura Castro, consultor internacional de educação.

O dilema principal do nosso ensino médio está entre preparar para o trabalho ou para o ensino superior.

— Não se pode achar que o aluno tem de se adequar a um

18% dos jovens brasileiros com idades entre 15 e 17 anos estão fora da escola

currículo que não dá conta de suas necessidades — diz Castro.

Outros fatores contribuem para o cenário: falta de professores e funcionários, estudantes que chegam ao ensino médio apenas alfabetizados etc. Quem paga a conta, claro, são os jovens.

— O ensino médio é o mínimo necessário para se entrar no mercado de trabalho. Quem pára de estudar nessa fase só consegue subempregos ou fica desempregado — afirma Wanda Engel, doutora em Educação e superintendente do Instituto Unibanco.

Wanda afirma que, quanto maior a escolarização, menores são os índices de criminalidade e fecundidade. Além disso, para o Brasil, a evasão escolar é como uma "bomba-relógio":

— Um país cuja população não tem esse grau de escolaridade não tem condições de competir globalmente.

O superintendente pedagógico da Secretaria estadual de Educação, Evaldo Bittencourt,

explica que há uma série de medidas que vêm sendo tomadas para mudar a situação. Uma delas é a ampliação de um projeto de ensino médio integrado no Rio de Janeiro:

— Muitos têm necessidade de qualificação para trabalho. Vamos expandir um projeto que existe em quatro escolas, um médio integrado ao profissionalizante. Além disso, há programas de incentivo aos grêmios e formação continuada para professores. Estamos distribuindo notebooks para os docentes, eles precisam estar

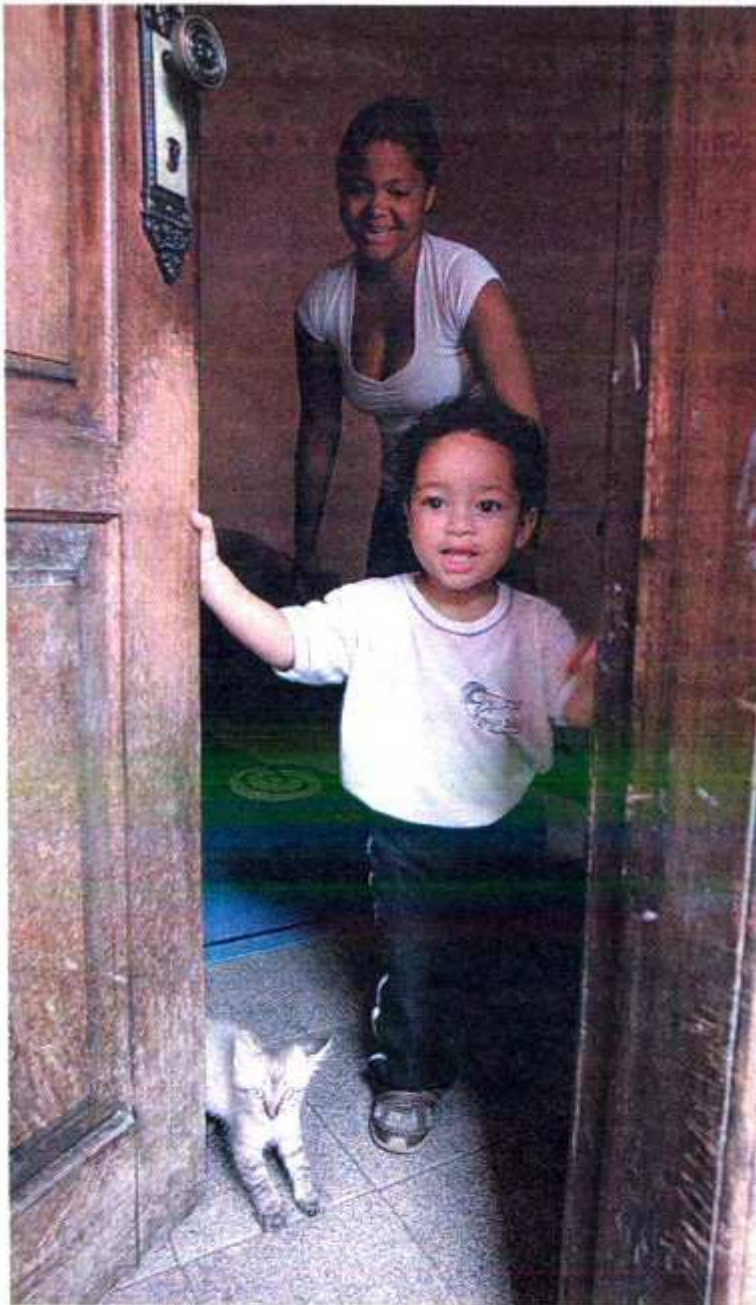
mais próximos desses jovens.

Aos que têm vontade de fazer algo para mudar a situação, Bittencourt avisa que qualquer universitário pode se oferecer para atuar nas escolas estaduais. Basta se apresentar a uma delas como voluntário. ►►

Cerca de 20% dos jovens brasileiros entre 15 e 24 anos não estudam nem trabalham

O GLOBO NA INTERNET

► Primeira série do ensino médio é considerada vilã pelos alunos
oglobo.com.br/educação



O salário médio de quem tem apenas o ensino fundamental é de R\$ 517,11. Para quem tem ensino médio, R\$ 767,08. Com ensino superior, passa para R\$ 1.681,52

■ ADRIANA DA SILVA SANTOS, DE 21 ANOS

Faltava muito pouco para Adriana concluir os estudos no Instituto de Educação Clélia Nanci, em São Gonçalo. Em janeiro de 2007, ano em que cursaria a 3ª série do ensino médio, nasceu seu filho, Nicolas. A jovem poderia ficar de licença até abril daquele ano, mas nunca mais conseguiu voltar.

— Ficou muito difícil, pois não tenho com quem deixar o Nicolas. Minha mãe não mora por perto. Não tinha planejado ter um bebê, mas agora estou casada e tenho também que cuidar da família — explica Adriana.

O casamento, aliás, é algo que lhe dá forças para tentar concluir os estudos: seu marido é professor de inglês e tem, inclusive, formação universitária.

— Não posso ficar muito atrás dele, né? Além disso, a escola é a base de tudo. Faz diferença na hora de arrumar um emprego, até para conversar com as pessoas a gente se sente mais preparado se tiver estudado. Queria ser professora do ensino fundamental, por isso estava fazendo curso normal. Mas, agora, com a rotina mais complicada, não sei se dá.

Atualmente Adriana faz um supletivo, que não sabe quando vai conseguir completar.

— Ainda faltam três disciplinas. Vou uma vez por semana e tento arrumar um tempo para estudar — conta ela.

Se uma vez por semana ela vai ao supletivo, todos os dias toma o rumo de outra instituição de ensino: a escolinha do filho, que tem quase 2 anos.

■ ANNA LUÍZA DA SILVA, 19 ANOS

Ela já viveu os dois mundos: foi aluna de escola particular, no ensino fundamental, e de escola pública, no ensino médio.

— A diferença é que nos colégios particulares existia um controle muito grande. Já na escola pública, a gente fica mais solto — diz.

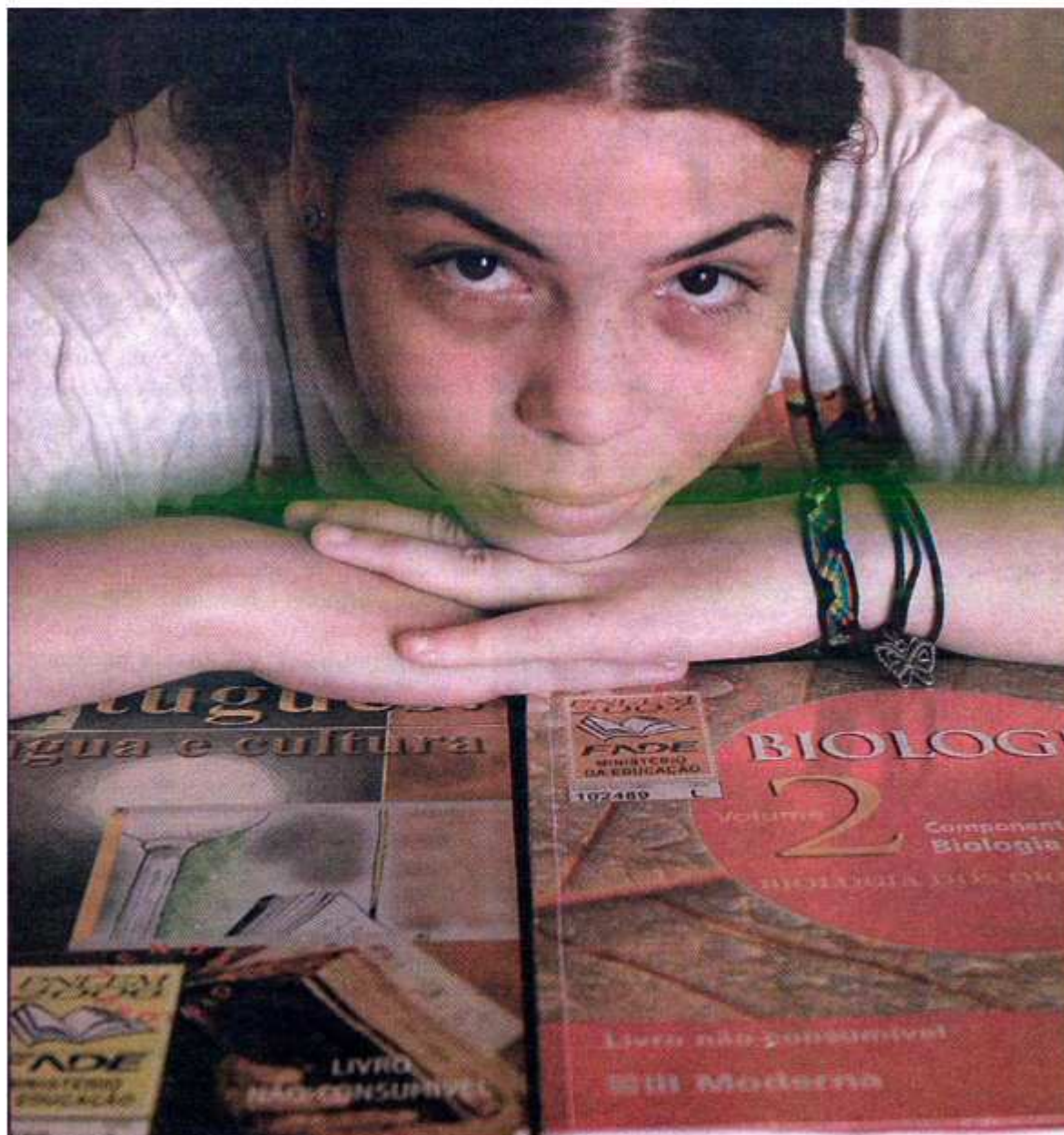
Anna Luíza conta que quase nunca encontrou motivação para ficar em sala. Por isso repetiu algumas vezes e

decidiu largar tudo, no início deste ano, quando cursava a 1^o ano do ensino médio da Escola Estadual Souza Aguiar. “Falta atrativo”, explica. Se pudesse mudar algo no sistema de ensino, daria mais ênfase a atividades pouco exploradas: teatro e música.

— Acho que os jovens teriam mais vontade de ir à escola se tivessem mais identificação com o que é ensinado por lá. No final, o que conta no

boletim são as notas das disciplinas pelas quais muitos dos alunos não se interessam. Aquelas que, para eles, não faz diferença saber.

O sonho da avó de Anna Luíza, que pagava por seus estudos nos colégios particulares, é que ela se forme. A jovem diz que aquilo de que sente mais falta é o “barulho de colégio, aquele que a gente só ouve lá, dos meninos correndo pelo pátio”. A idéia dela é, no ano que vem, tentar voltar.



■ VICTOR PATRÍCIO MARIANO, 17 ANOS

Alguns meses depois de ter entrado no 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Dom Hélder Câmara, Victor recebeu seu primeiro boletim e percebeu que os nomes de seus pais estavam trocados. Havia um erro na matrícula, e ele não pôde continuar os estudos. No ano seguinte, matriculado na Escola Estadual Olavo Josino Sales, descobriu que faltava um documento. Nova interrupção forçada nos estudos:

— Nesses meses sem escola, trabalhei como agente jovem no Complexo do Alemão, onde moro. Mas já resolvi minha situação e volto para a escola no ano que vem.

Segundo Victor, há outras pessoas que passam por situações como a sua ou são encaminhadas para escolas que ficam longe de casa e desistem de estudar. Mas ele colocou na cabeça "que vai correr atrás":

— Quero ser administrador, penso em cursar uma faculdade. Se eu fosse mais fraco, ficaria por aí fazendo coisas erradas. Mas não é a minha. Perguntado sobre o que ainda falta na escola, ele não tem dúvidas:

— Falta professor. No ensino fundamental, fiquei três meses sem aula de português por causa disso. A Secretaria estadual de Educação informou que vai analisar o caso de Victor.

FONTES: Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Gustavo Stephan



*Dos 3,6 milhões de
estudantes que
ingressam no
ensino médio,
metade não
consegue concluir
os estudos em três
anos*

■ BRUNA ALICE CABRAL, 19 ANOS

Quando abandonou os estudos, Bruna Alice Cabral, de 19 anos, estava grávida e era aluna do 2º ano do ensino médio. Os enjoos e o cansaço constantes fizeram com que ela tivesse muitas faltas e, pouco tempo depois, já estava fora da escola. Acabou perdendo o bebê, mas, mesmo assim, não voltou para a sala de aula.

— Eu até gostava de ir à escola, mas achava que os professores não tinham paciência — explica.

Bruna estudava na Escola Estadual Olavo Josino Sales, no horário noturno. As aulas de música, artes, inglês e espanhol são lembradas como boas lições. Mas, por estudar à noite, ela não tinha aulas no laboratório de informática nem educação física. Hoje pensa em ser cabeleireira. Engravidou novamente e agora tem um bebê de oito meses:

— Ele vai ter que estudar de qualquer jeito. Não vou deixá-lo largar os estudos em hipótese alguma.



■ RAÍSSA GOMES DA SILVA, 19 ANOS

Raíssa vive uma situação que parece contraditória. Está no movimento estudantil — ela faz parte da Ames (Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas) e da UJS (União da Juventude Socialista) —, mas não está estudando. Em parte por causa dos compromissos assumidos nas duas entidades de que faz parte:

— Eu gostava da escola, fazia parte do grêmio. Mas já tinha várias críticas ao modo como as coisas eram conduzidas por lá. Quando entrei para o movimento, essa visão de que a escola tem muitos problemas só ficou mais clara para mim. Por causa da política estudantil, também tenho que viajar muito, participar de congressos. Ficou difícil continuar a estudar.

Raíssa, que largou a escola no 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Central do Brasil, diz que, no mesmo ano em que saiu, outros 15 alunos de sua turma, que tinha 44, seguiram pelo mesmo caminho.

— Eu me sentia desmotivada. Mas sei que tenho que voltar. Além disso, eu não posso representar um grupo, o dos estudantes, e não fazer parte dele.

Marcelo Piu



45,1% dos jovens entre 15 e 17 anos que estão fora da escola dizem que é por falta de interesse

Marcos Tristão

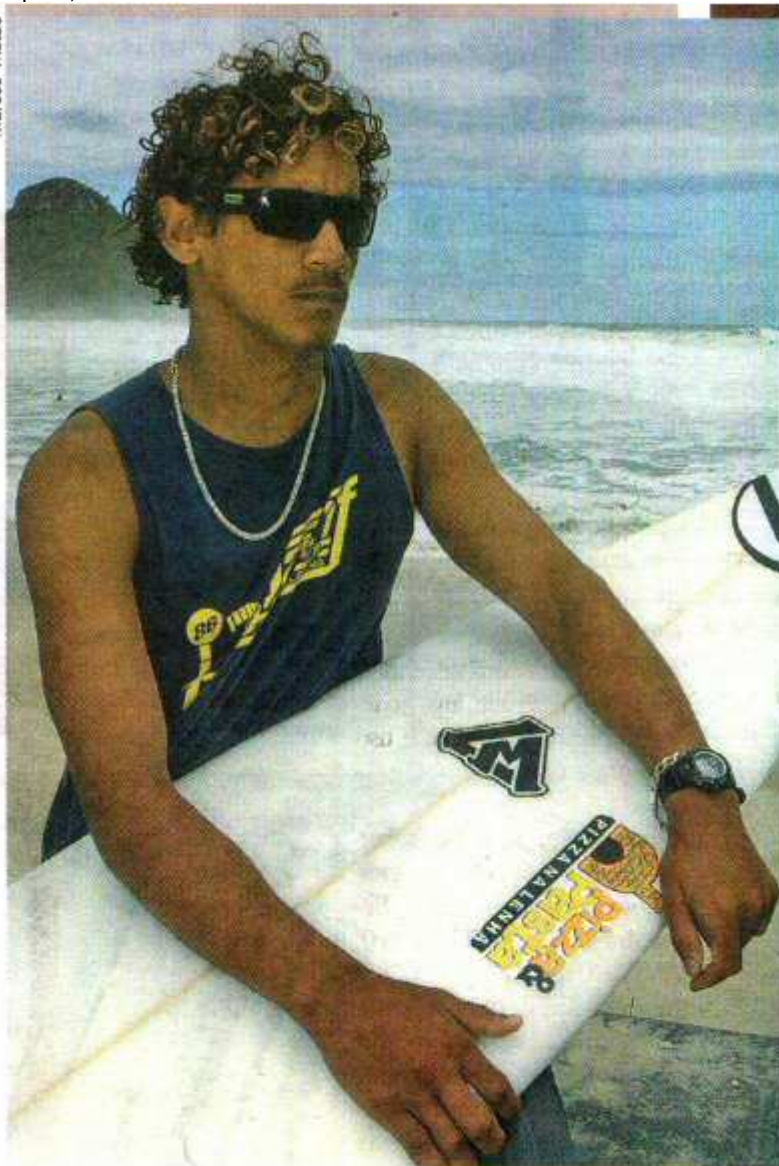
■ ADRIANO PAIVA, 21 ANOS

Adriano morava em São Gonçalo até os 12 anos, quando se mudou com a mãe para o Recreio. No primeiro dia no bairro novo, viu os meninos surfando e ficou curioso. Entrou na brincadeira, que virou assunto sério, com competições, pequenos patrocínios... Resultado: ele só foi até o 9º ano do ensino fundamental. Quando ia ingressar no ensino médio, desistiu:

— Eu estudava na Escola Municipal Margareth Mee e ia para o ensino médio em outro colégio, mas o surf começou a me proporcionar outras coisas. Passei a ter um pouco de dinheiro para ajudar minha mãe, o que é importante para mim.

Hoje ele consegue se sustentar e faz parte de um projeto chamado "Viva surf", em que divide uma casa com outras pessoas no Recreio. Não quer ser surfista para sempre. Criar uma marca de roupas está nos seus planos, mas ele sabe que os estudos farão falta:

— Eu estou voltando aos poucos, faço aulas de inglês. Mas penso em concluir o ensino médio e prestar vestibular para Marketing.



FONTE: Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.